

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

FABIANA VINHOLA DE AMORIM

BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL... DE HOMENS: Relações de hegemonia e representação como forma de exclusão das mulheres no futebol brasileiro: um olhar a partir do Avaí Kindermann.

NITERÓI

2022

FABIANA VINHOLA DE AMORIM

BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL... DE HOMENS: Relações de hegemonia e representação como forma de exclusão no futebol brasileiro: um olhar a partir do
Avaí Kindermann

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em
Produção Cultural da
Universidade Federal
Fluminense, como requisito
parcial para obtenção do
Grau de Bacharel.

Orientadora: Prof. Flávia Lages

Niterói

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

D278b De Amorim, Fabiana Vinhola
BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL... DE HOMENS : Relações de hegemonia e representação como forma de exclusão das mulheres no futebol brasileiro: um olhar a partir do Avaí Kindermann / Fabiana Vinhola De Amorim. - 2022.
46 f.

Orientador: Prof. Flávia Lages.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2022.

1. Futebol feminino. 2. Representação. 3. Futebol brasileiro. 4. Cultura popular. 5. Produção intelectual. I. Lages, Prof. Flávia, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao vigésimo primeiro dia do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e dois, às doze horas, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense – CEPEX/UFF nº 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado: **BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL... DE HOMENS; Relações de hegemonia e representação como forma de exclusão das mulheres no futebol brasileiro: um olhar a partir do Avaí Kindermann**, apresentado por **Fabiana Vinhola de Amorim**, matrícula **117033036**, sob orientação do(a) **Profª. Drª. Flávia Lages de Castro**.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Profª. Drª. Flávia Lages de Castro**
- 2º Membro: **Profª. Drª. Leda Maria da Costa**
- 3º Membro: **Profª. Drª. Livia Gonçalves Magalhães**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:
9,5

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

FABIANA VINHOLA DE AMORIM

BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL... DE HOMENS; Relações de hegemonia e representação como forma de exclusão das mulheres no futebol brasileiro: um olhar a partir do Avaí Kindermann

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em
Produção Cultural da
Universidade Federal
Fluminense, como requisito
parcial para obtenção do
Grau de Bacharel.

Aprovada em dezembro / 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Flávia Lages– Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Livia Gonçalves Magalhães
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Leda Costa
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Niterói

2022

AGRADECIMENTOS

À oportunidade que meus pais sempre me deram de ter mais que teto, comida e educação, mas principalmente poder voar e ser quem quisesse ser. Dona Janete Vinhola que me ensinou o que sei sobre ser de uma família de muitas mulheres fortes. Seu Carlos Alberto que me apresentou a paixão pelo Internacional e por futebol, que me carregou ao estádio desde quando não tinha nem um ano de idade. Para nunca mais deixar de viver intensamente o Colorado de Porto Alegre. Ao coletivo Juntos! que se tornou minha casa, minha família e me formou enquanto ser humano crítico, que busca transformar o mundo.

À professora Flávia que sugeriu para que pudesse escrever sobre futebol feminino. À todas pioneiras que não desistiram e abriram os caminhos para que pudéssemos estar onde pulsa nosso coração.

RESUMO

Este trabalho busca investigar de que forma se configurou ideologicamente na cultura a exclusão das mulheres no futebol brasileiro, como resultado sócio-histórico e através da noção de representação estereotipada. A compreensão do futebol enquanto parte de uma disputa mais geral, que reflete os tensionamentos da realidade, também abriram espaço para o Kindermann, clube do interior de Santa Catarina que é referência nacional no futebol feminino, e as mudanças ocorridas nas instituições de futebol no último período.

Palavras-chave: futebol, futebol feminino, cultura, representação, Kindermann

RESUMEN

Con este trabajo se busca investigar de qué manera se formó ideológicamente en la cultura la exclusión de las mujeres en el fútbol femenino brasileño, como resultado socio-histórico y a través de una noción de representación estereotipada. La comprensión del fútbol como parte de una disputa general, reflejando las tensiones de la realidad, también se ha abierto espacio para el Kindermann, club del interior de Santa Catarina que es referencia nacional en el fútbol femenino, y los cambios que ocurrieron en las instituciones de fútbol en el último período.

Palabras-clave: fútbol, fútbol femenino, cultura, representación, Kindermann

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 PROIBIÇÃO DO FUTEBOL FEMININO E O LUGAR DA MULHER NO ESPORTE	8
1.1 Onde se encontra a disputa de hegemonia cultural e representação no futebol brasileiro.....	8
1.2 Desvendando mitos da superioridade biológica.....	13
1.3 Lugar de mulher no futebol e tipos de representação.....	16
2 AVANÇOS, CONQUISTAS E UMA LUTA CONSTANTE	22
2.1 Uma nova onda feminista ronda o mundo e o esporte.....	22
2.2 Mudanças em curso na FIFA e na CBF.....	23
2.3 Novos desafios, velhos problemas.....	26
3 O AVAÍ KINDERMANN OU SÓ KINDERMANN	27
3.1 Reorganização do futebol feminino e panorama do futebol.....	27
3.2 Surgimento e transformação de um clube no interior de Santa Catarina para um marco de irmandade no futebol catarinense.....	31
3.3 Educação (e/é) a base.....	35
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
APÊNDICE A - VIOLÊNCIA NO FUTEBOL E MASCULINIDADE	

INTRODUÇÃO

Em abril de 1941, durante a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, durando até o ano de 1979, o futebol era um esporte proibido para as mulheres, tornando-se a simples prática do esporte, passível de um caso de prisão (Art. 54. do decreto-lei 3.199/41), sendo revogado apenas em 1979 e o futebol feminino enfim regularizado apenas em 1983. Como foi possível, que, tendo o Brasil sua história e identidade tão imbricadas ao futebol, podendo ser classificado como o maior fenômeno social do Brasil (GUTERMAN 2009), haver punição e exclusão para metade da população que quisesse praticá-lo? Atualmente, muita coisa mudou e se desenvolveu, mas, mesmo não sendo proibido, as discrepâncias financeiras em relação aos homens ainda são um dos principais desafios que as atletas mulheres precisam enfrentar. Produzido a partir de uma pesquisa em todas suas federações associadas, o relatório da FIFA produzido em 2019 indica que o Brasil tem um total de 15 mil mulheres disputando campeonatos em algum nível. Esse número é pequeno se compararmos, por exemplo, com a Argentina (27 mil), a Venezuela (24 mil) e os Estados Unidos (9,5 milhões) (GOELLNER, 2021, p. 8). Como veremos, essa não foi e é uma exclusão trivial, mas muito bem fundamentada, pois o futebol exerce um peso político de representação e construção do imaginário brasileiro como poucos outros setores, sendo um reflexo das disputas de hegemonia cultural na sociedade.

Esse trabalho objetiva responder à seguinte questão: tendo o futebol se tornado no Brasil e no mundo um fenômeno social que move paixões e constrói relações de identidade, quais os motivos dessa exclusão das mulheres, não apenas do passado, mas sobretudo no presente do futebol? Quais são os avanços e os problemas ainda enfrentados pelas mulheres no futebol, seja num contexto global ou de dentro de um clube que se destacou no futebol feminino brasileiro como o Kindermann? Para tanto, a pesquisa está dividida entre três partes: uma primeira que analisa o contexto sócio-histórico do futebol e sua relação na disputa de hegemonia, dentro do conceito de Gramsci de Estado ampliado e buscando desfazer as visões essencialistas de gênero, que moldaram as características tidas como naturais que justificaram a exclusão, discutindo suas noções de representação e construção de identidade; uma segunda parte traz o contexto e as mudanças que ocorreram nestes últimos anos, na esteira do avanço dos movimentos feministas ao

redor do mundo, nas instituições de futebol, como FIFA, CBF e CONMEBOL, a partir dessas disputas de hegemonia e representação em curso e por fim, apresenta a trajetória do futebol feminino após o fim da sua proibição e principalmente o exemplo do Kindermann como um clube pequeno e fora do eixo principal do Sudeste, mas que alcançou projeção nacional no futebol feminino a partir da dedicação ao desenvolvimento coletivo do futebol catarinense, com também a fundação do Napoli, seu clube-irmão, ou melhor, irmã. A relação com a cidade de Caçador e os projetos educacionais do clube são também fundamentais para análise de como o Kindermann conquistou este espaço na modalidade.

Há ainda uma evidente fragilidade na produção científica, histórica e jornalística sobre a participação das mulheres no futebol brasileiro. Conforme uma pesquisadora do futebol feminino destaca, há por um lado a escassez de registros que é um dos motivos para a pouca circularidade do tema, e por outro também a precariedade de pesquisas (Goellner, 2021, p. 2). A análise aqui apresentada buscou combinar a interdisciplinaridade dos estudos culturais enquanto uma totalidade, a partir das obras mais completas publicadas sobre o futebol masculino e de trabalhos parciais sobre a presença das mulheres no futebol, especialmente de relatos jornalísticos - muitos ainda com imprecisão histórica. De maneira mais recente, temos visto o desenvolvimento do jornalismo esportivo feminino, como o Canal Desimpedidas, que permitiu a partir de entrevistas e curtas-documentários o contato com o que é o dia-a-dia das atletas e profissionais do Kindermann.

Escrevendo este trabalho percebe-se a mesma coisa que Maria Eduarda Dalponte, a luta contra exclusão é também semântica, mais profunda em seus significados, já que o dicionário corrige quando escrevemos “atletas”.

Aquele papo “futebol não é para mulher” parece distante mas reveste os olhares de espectadores brasileiros. O próprio dicionário português mostra que as barreiras ainda estão sólidas e arraigadas. Ao escrever “as atletas” ou “as jogadoras”, os aplicativos costumam sublinhar as palavras, como se a expressão estivesse errada. A correção seria “os atletas” ou “os jogadores”. Esses obstáculos dificultam ainda mais a vida das meninas, que já têm uma carreira complexa pela frente
(DALPONTE, 2021, p.61)

1 PROIBIÇÃO DO FUTEBOL FEMININO E O LUGAR DA MULHER NO ESPORTE

1.1 Onde se encontra a disputa de hegemonia cultural e representação no futebol brasileiro

A hegemonia é a cultura numa sociedade de classes. Hegemonia não é um “sistema”: é um complexo de experiências, relações e atividades cujos limites estão fixados e interiorizados, mas que, por ser mais que ideologia, tem capacidade para controlar e produzir mudanças sociais.

(CHAUÍ, Marilena. *O nacional e o popular na cultura brasileira*. Seminários. São Paulo: Brasiliense, 1983. pg. 18-19)

A origem do futebol, na segunda metade do século XIX, se constitui paralelamente ao desenvolvimento industrial (que se deu apenas por volta da década de 1930 no Brasil) e da consolidação da ideia de nação. Não à toa, este nasceu justamente na Inglaterra, berço da Segunda Revolução Industrial. Podemos dizer que o futebol é inclusive um produto de importação desta revolução para outros países, avançando paralelamente ao crescimento operário dos grandes conglomerados urbanos. A regulamentação desse jogo coletivo é fruto do que José Miguel Wisnik (2008, p.87) apresenta como “consenso inglês”, *tanto distinto das práticas aristocráticas que desdenhavam do contato físico, quanto das práticas populares que cultuavam o embate engalfinhado entre humanos e animais*. Este consenso buscou cumprir um papel ambíguo e controlável, onde as regras são centrais para alterar o resultado do jogo.

Para compreender o papel mais amplo que possui o futebol, para além do campo esportivo, é necessário analisar a função do Estado visto de seu sentido mais amplo com os *aparelhos privados de hegemonia*. Segundo o autor italiano Antonio Gramsci, como nos é apresentado por Carlos Nelson Coutinho (1999, p.73), o Estado é formado pela combinação da sociedade política e as instituições tradicionais e pela sociedade civil, na qual situam-se organizações como partidos políticos, sindicatos, imprensa, sistema escolar, instituições religiosas, etc. Essa compreensão é o que possibilita uma dominação da sociedade seja por coerção (repressão direta) mas também por consenso (ideologia). Logo, o esporte, e neste caso, o esporte que hoje possui uma predominância mundial como o futebol, estrategicamente, também integra o “Estado em seu sentido ampliado”, como parte da luta cultural que reforça ou transforma o *status quo* da hegemonia estabelecida.

Podemos dizer, que o futebol se tornou um importante campo de conflitos simbólicos.

Podemos destacar alguns exemplos. Segundo Norbert Elias e Eric Dunning (2019, p.284) e sua teoria sobre os pequenos grupos que abarcam os esportes coletivos, o futebol aglutina em seu modo dois fenômenos: as tensões de grupo e a cooperação de grupo, em constante interdependência. O processo de profissionalização do esporte se dá justamente para controlar estas tensões. No livro “O futebol explica o Brasil”, Marcos Guterman (2009, p. 39) nos mostra que o futebol foi utilizado logo em seu início como incentivo dos patrões aos operários de São Paulo para “soltarem seu stress e sua tensão” e assim dar continuidade ao trabalho sem grandes conflitos. A partir da fundação dos clubes e da maior distinção entre profissional e amador, Elias (2019, p. 290) nos aponta que o desporto, segundo ele, um produto burguês e burocrático, passa a se tornar um espetáculo e a perder a incerteza e a espontaneidade. Olhando o século XXI e o desenvolvimento do futebol moderno, fica ainda mais explícito a confirmação de sua hipótese.

Mesmo com sua popularização entre trabalhadores negros, especialmente pela via da “várzea”, os conflitos raciais sempre estiveram presentes no futebol. Após as teses do racismo científico serem amplamente difundidas entre o pensamento social brasileiro, que fez embranquecer Arthur Friedenreich, considerado o primeiro ídolo brasileiro, fazendo parte da equipe que disputou a primeira partida da história da Seleção em 1914, foi orgulhosamente reconhecido como o “mulato de olhos verdes”, por ser filho de alemão com uma negra brasileira, se consolidou no país a ideia de harmonia entre as raças, materializada na obra Casa-grande e Senzala de Gilberto Freyre (1993). Nesse aspecto, o futebol caiu como uma luva. Após um período tendo sua presença negada nos clubes, os homens negros ingressam no futebol profissional com importante destaque, com os clubes “os engolindo goela abaixo”, por serem normalmente os melhores jogadores. Não tarda, porém, para as justificativas deterministas aparecerem e permanecerem, como a ideia de que os negros são mais os “fortes” inclusive, até hoje. Diferente do que essas teses apresentavam, a presença do futebol de várzea ou até mesmo do futsal em cada periferia e pequena cidade, fez com que o futebol pudesse se desenvolver enquanto um esporte popular.

A partir do Governo de Getúlio Vargas, responsável pelo decreto que proibiu o futebol feminino por acreditar que o esporte iria contra a “natureza” feminina,

passou sobretudo a utilizar o futebol masculino pelo seu poder mobilizador e a Seleção como passível de tribuna política por organizar e materializar os sentimentos patrióticos da população (Miranda, 2007, p.3). Essa necessidade surge do desejo de Vargas estabelecer um novo pensamento e visão do que vinha a ser brasileiro, para acomodar diferentes grupos sociais dentro de uma mesma identidade nacional. A ideologia do governo, focada na presença positiva das três raças como formadoras de nossa sociedade, foi construída de forma destacada, neste sentido, o futebol surge como concretizador e exemplo deste pensamento (MOSTARO, HELAL, AMARO, 2015). Já na Copa de 1934 onde Vargas recebe no Palácio Guanabara os jogadores antes do embarque, afirma em seu discurso que a missão deles não era somente de caráter esportivo, e sim de um desempenho cívico em prol da representação nacional (cf. Franzini, 2003, p. 67).

Com o golpe do Estado Novo, parte da missão de “unificar o país” é posta na Copa do Mundo masculina de 1938, a terceira até então, em que a própria filha de Getúlio foi madrinha da seleção, e tido como marco histórico da descoberta do Brasil como “país do futebol” (Guterman, 2009, p. 84). Vargas disputava que o sentimento da torcida pela seleção brasileira também se transformasse em um sentimento pelo país. Segundo também os autores do artigo “*Futebol, nação e representações: a importância do estilo futebol-arte na construção da identidade nacional*”, Filipe Fernandes, Ronaldo Helal e Fausto Amoroso (2016 - pg. 2/3), as pessoas participavam da ideia de nação de forma que a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade. Numa atitude que visava controlar, disciplinar e sindicalizar os jogadores para o que já se enxergava como grande manifestação popular da época, passou-se a ter jogadores profissionais, culminando com a criação, em 1941, do Conselho Nacional do Desporto (MOSTARO, HELAL, AMARO, 2015). Seria, porém, apenas em 1958 que o Brasil conquista a sua primeira Copa do Mundo, lançando ao planeta uma figura que segue até os dias de hoje como representação do brasileiro: o Pelé.

Outro momento destacado de disputa direta do futebol como espaço de representação do sentimento nacional foi na ditadura civil-militar de 1964. Como observamos na obra *O futebol explica o Brasil* (Guterman, 2009, p.111), foi feita uma intervenção direta do governo na direção da seleção brasileira, com a demissão do técnico João Saldanha às vésperas da Copa. Enquanto uma minoria militante era perseguida, torturada e assassinada, os militares propagavam (neste

momento, com a televisão chegando para muitos brasileiros) a Copa de 1970 como parte dos seus feitos. Disputavam que o sentimento ufanista de que “*com o brasileiro não há quem possa*” pudesse se confundir com a defesa da pátria e, conseqüentemente, de seu regime autoritário.

Além de demonstrar a relevância do futebol para a consolidação de hegemonias políticas, que atuam objetiva e subjetivamente, fica também evidente a ausência das mulheres nesta história oficial. Ou, limitando-se a uma representação contemplativa, como no caso da filha de Vargas. Apesar disso, existe a constatação de que a presença das mulheres nas mais diferentes ocupações e manifestações do futebol resulta de sua insistência em permanecer em um espaço que não é representado, incentivado e reconhecido como seu (Goellner, 2021 p.2). Dentro dessa perspectiva de compreender o futebol como um palco dessas disputas de hegemonia presente na sociedade, podemos destacar a caracterização de Engels em *A Origem do Estado, da propriedade privada e da família*, de que a primeira divisão de classe surgida na humanidade foi a divisão sexual do trabalho, que configurou a construção da ideia de qualidades biologicamente masculinas ou femininas. Para Engels:

A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos [...] O primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura te nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros. É a forma celular da sociedade civilizada [...]

(*A origem do Estado, da propriedade privada e da família* - Friederich Engels, pg.54-55)

Essa divisão sexual do trabalho, constituiu a base ideológica da noção de que há “coisas de homem” e “coisas de mulher”, sendo durante muito tempo o futebol considerado apenas como um esporte de homens. Não apenas para atletas, mas em todas as posições ocupadas dentro e fora das quatro linhas do campo. O que levou à proibição do esporte na modalidade feminina, alterando também as noções de representação. Entre 1941 e 1979 passaram-se quase quatro décadas com atos de insubordinação das mulheres mesmo diante da proibição. Mesmo que as mulheres tenham jogado futebol ressaltando sua dimensão recreativa ou que sua prática tenha acontecido em espaços não esportivos com o intuito de burlar a lei, a

restrição às competições freou o desenvolvimento da modalidade, coibindo sua ampla difusão (Goellner, 2021, p. 3). Por conta dessa limitação, mesmo depois do fim da proibição em 1979, as dificuldades para a constituição do esporte permaneceram.

Esses problemas se darão não apenas com o atraso do desenvolvimento econômico do futebol feminino, mas ainda com as barreiras invisíveis da representação, com um público que ainda precisaria ser conquistado. Segundo Stuart Hall (2016, p.31), a representação é parte da produção de significados, fazendo com que a praticamente inexistência da representação midiática nos clubes, seleção e grandes meios de comunicação, da existência feminina no futebol, permanecesse no sentido de quase marginalidade.

Se tanto para dentro, quanto para fora para fora do país, é evidente que o futebol é um dos elementos culturais que se constituiu como parte da cultura brasileira, isso ocorre não apenas pelo passado de glórias e referência mundial do futebol masculino brasileiro, mas também pela construção de grandes ídolos que se tornaram referência de vida no imaginário de inúmeros meninos que sonham também ser jogadores. Já para as meninas, essa possibilidade é ainda muito mais restrita. Mesmo mulheres já sendo jogadoras de futebol, são ainda poucas que seguem a atividade como profissão – algo muito presente no universo dos homens, que desde a infância sonham em serem jogadores profissionais (ROSA, JITSUMORI, BORGES, RIBEIRO, 2020, p. 200 /11 de 29). Como veremos, a imagem construída em torno das mulheres que jogam bola, é normalmente associada negativamente ao que se tem hegemonicamente construído do que é “ser mulher”. Assim como na história oficial brasileira, a maioria dos “heróis” que conhecemos e que formam nossas referências, são homens, no futebol enquanto uma paixão que move milhões de pessoas, também não é diferente, às vezes mesmo entre as mulheres. Conforme pesquisa realizada entre jogadoras de futebol do estado do Matro Grosso do Sul, de 20 jogadores ídolos das jogadoras, apenas 3 citados são mulheres, mesmo que Marta seja a principal referência (ROSA, JITSUMORI, BORGES, RIBEIRO, 2020, p. 202 /13 de 29)

O desconhecimento e apagamento do futebol feminino afastou as meninas dessa possibilidade. A mesma devoção que aprendemos a ter com grandes craques brasileiros como Pelé, Ronaldo, Zico, dentre tantos outros, não se traduz, mesmo sendo o mesmo esporte ou mesmos recordes e marcas impressionantes de gols, na

jogadora Marta por exemplo. Mesmo sendo conhecida como “o fenômeno Marta” e seja uma personalidade fundamental para o futebol feminino, ainda não rompeu a visão machista sobre esse esporte, ainda que sua figura tenha afetado e trazido um olhar menos tímido, motivando muitas meninas e mulheres a enfrentarem esse espaço considerado do/para o homem (ROSA, JITSUMORI, BORGES, RIBEIRO, 2020, p. 197 /8 de 29). A alagoana se tornou embaixadora da ONU mulheres e tem chamado atenção para a trajetória que as meninas precisam enfrentar até poder chegar onde chegou:

“O preconceito e a falta de oportunidades já me doeram ao longo do meu caminho. Doeu quando meninos não me deixaram jogar. Doeu quando treinadores me tiravam dos campeonatos porque eu era apenas uma menina. Mas minha certeza de onde eu iria chegar nunca me deixou desistir”

Marta - março de 2019 no evento da ONU Mulheres em Nova York

Podemos dizer que esse processo de afastamento também foi mútuo, visto que dentro da compreensão de que o futebol vai para além dos grandes espetáculos e times de elite, mas é também uma prática social presente na vida de muitos brasileiros, na qual com as mulheres e meninas designadas na divisão sexual do trabalho a cuidar da casa e dos filhos, ao medo de fugir do padrão da cobrança do papel que devem exercer, acabam negando adentrar o mundo do futebol por este simbolicamente significar situações negativas envolvendo espaços segregadamente masculinos, com uma mal-estar que se inicia desde o início do aprendizado das primeiras relações sociais. Conforme ressalta Suraya Darido (2002), a escola é um dos lugares em que há exclusão para que meninas não pratiquem futebol. Observa-se que, diante das situações de exclusão de gênero, as alunas sentem-se incomodadas com o olhar de observação, por vezes de reprovação e até mesmo de rechaços por parte dos meninos. Diante de tais situações excludentes, muitas meninas optam até mesmo por não participarem das aulas de Educação Física, pois, à primeira vista, esse ambiente não é propício para elas (ROSA, JITSUMORI, BORGES, RIBEIRO, 2020, p. 191 /2 de 29). A cristalização desse afastamento mútuo se dá, enfim, nos momentos mais importantes e decisivos das nossas vidas.

1.2 Desvendando mitos da superioridade biológica...

“Nossa hipótese é de que, diferentemente do futebol masculino, o futebol feminino não usufrui das mesmas condições de visibilidade e do mesmo

reconhecimento social devido a relações conflituosas de gênero, decorrentes da inserção da mulher no espaço esportivo, culturalmente considerado como masculino (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2003). Por outro lado, o preconceito está vinculado à necessidade de assegurar a reprodução do arquétipo feminino de "maternidade" e "dona do lar" de maneira a impedir, bloquear ou retardar a quebra da hegemonia econômica capitalista que reconhece a divisão binária entre "homem/sexo forte" e "mulher/sexo frágil" como a única legítima aos olhos da sociedade. (TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática, 1 jan. 2013 - pg.4)

Como observamos, a exclusão das mulheres no futebol, assim como diversos outros processos de exclusão, não se justifica apenas pela força da repressão, mas também, pela cristalização de ideias culturalmente hegemônicas na sociedade. A divisão sexual do trabalho e das funções submetidas às mulheres, ligadas à reprodução da vida (cuidado, limpeza, alimentação, procriação, etc.), organizou a sociedade sob a base de crenças de uma superioridade biológica, que levou à conclusão de ser incapaz para as mulheres se associarem aos esportes ditos mais violentos.

O mito do sexo frágil foi e é ainda hoje, determinante para reprodução de condutas sexistas que discriminam a participação das mulheres, neste caso, mulheres brancas, em certos âmbitos sociais. A origem deste mito remete aos últimos três séculos, quando o uso político do corpo humano serviu de base para a construção de um dispositivo econômico da sexualidade fundado na ideia da mulher frágil, mãe de família e senhora da casa, e homem forte trabalhador e dono dos espaços públicos (TEIXEIRA, 2013, p.13). As atribuições de papéis diferenciados definidores do "masculino" e do "feminino" são formas enunciativas de cristalizar superioridade/inferioridade no âmbito de relações de poder que se naturalizam. Esses papéis procuram definir comportamentos – a forma de se vestir e se portar, além do modo de se relacionar, determinando o que é adequado e inadequado para garotas e garotos. Esse também é um dos pontos de vista desconstruído pelo clássico *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir (1949), que desestabilizou os argumentos essencialistas no século XX, que buscavam categorizar o que era "ser mulher" numa divisão binária:

Com o advento do patriarcado, o macho reivindica acremente sua posteridade; ainda se é forçado a concordar em atribuir um papel à mulher na procriação, mas admite-se que ela não faz senão carregar e alimentar a semente viva: o pai é o único criador. (DE BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. 1949 - pg.27)

A compreensão do corpo feminino como papel social designado por um lado à procriação e do cuidado, e por outro a face da sexualização (logo após, uma das formas na qual as mulheres foram reintroduzidas ao futebol), fez com que a presença da mulher no esporte estaria, segundo Goellner (2003, p.3) associada ao medo de vulgarizar o corpo feminino, ou seja, de torná-lo masculino por meio do esforço. A associação da mulher à maternidade era o principal fator impulsionador das intervenções do Estado sobre o corpo feminino, com todas implicações que isso possui não só para a prática esportiva, mas também aos direitos reprodutivos. Cabe destacar o papel da mídia na busca na normalização da exibição desse corpo atlético feminino “sem perder a feminilidade”, na qual se insere numa série de aspectos discriminatórios que fortaleceram a ideia de que o futebol não é tipicamente feminino. Marco Ferretti (2011, p. 119) afirma que:

Os estudos parecem estar longe dos campos, pois as jogadoras além de ter que provar sua heterossexualidade através da aparência, pareando as expectativas sociais de feminilidade com o seu corpo de mulher, elas também devem ser belas corporalmente para que possam atrair a atenção dos homens heterossexuais para suas apresentações na TV, o que desperta o interesse da mídia por essas transmissões, que oportunizam e valorizam mais as formas femininas das atletas do que seu esforço, habilidade e competência para a determinada prática esportiva.

A frágil existência de categorias de base no futebol feminino, é uma das maiores dificuldades enfrentadas ainda hoje, ampliando as barreiras para as meninas que pretendem desenvolver sua prática no futebol. Os dados coletados na pesquisa (ROSA, JITSUMORI, BORGES, RIBEIRO, 2020) demonstram que ainda há pessoas que são contra o fato das mulheres praticarem futebol. Muitas mulheres são, inclusive, interdidas antes mesmo de pensarem em entrar para um time/clubes de futebol, tamanho o preconceito que vivem cotidianamente.

Esse é um dos diferenciais do Kindermann, que aposta em escolinhas nos bairros de Caçador, fazendo do clube um exportador nacional de grandes atletas que encontram a oportunidade logo cedo de condições de treino. No mês de junho de 2022, uma atleta do sub-13 do Botafogo, Giovanna Waksman, que precisa jogar no time misto com meninos, já que os times de base feminino existem apenas a partir dos sub-15, compartilhou as diversas ofensas que sofre todos os dias não

apenas entre adversários, mas também do próprio clube de que futebol é para homem e ela não deveria estar ali.

As meninas não possuem incentivo para o esporte durante a infância, não jogam bola, não sobem em árvores, não correm, ou seja, não realizam quando pequenas nenhuma atividade que beneficiará sua inserção ao esporte. Basta observar os brinquedos e brincadeiras que permeiam a infância feminina fazendo com que a sociedade as identifique como fracas e inábeis ao esporte, principalmente no futebol (VIANA, 2008, p. 645).

A ausência de espaço para seu desenvolvimento tem raízes na divisão desses papéis de gênero que divide desde cedo as meninas para brincadeiras que são voltadas para o cuidado e menos para atividades como os esportes.

1.3 Lugar de mulher no futebol e tipos de representação

No início do segundo capítulo do seu livro “Veneno Remédio - o futebol e o Brasil”, José Wisnik (2008, p.42) nos dá uma visão global de como o futebol já foi caracterizado pelos grandes filósofos e ensaístas, apresentando um trecho daquele que ele reconhece como o livro mais contundente *contra* o futebol. Para Juan José Sebrelli (1998) em *La era del fútbol*, o futebol se ombreia, de maneira usurpadora, “com os grandes sistemas religiosos e políticos” e faz da “insignificância do seu conteúdo” a coisa mais importante que acontece a milhões de seres humanos e “a única que dá sentido a suas vidas vazias”. A *insignificância* qualificada ao futebol pelo ensaísta argentino, remete-nos a ideia bastante compartilhada de *superioridade cultural*, com a contraposição entre o que é *culto* e o que é *inculto*.

No seu clássico livro “Cultura e Representação”, Stuart Hall (2016, p.38) nos apresenta que cultura diz respeito a significados compartilhados, e é através da linguagem que construímos esses significados, com esta operando como um *sistema representacional* via signos e símbolos. Não é uma prática cultural por si só que essencialmente possui características sólidas de conformação social, mas estes mesmos a adquirem conforme seu contexto e sentido produzido, de forma variável. Ainda segundo Hall (2016, p.35): “*nós damos significado a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de interpretação que levamos a eles - damos sentido às coisas pelo modo com as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas.*”

Ou seja, o mesmo futebol pode adquirir diferentes sentidos e significados, seja de distração ou de esforço máximo, de exposição ou de subversão silenciosa. A representação aqui [jogo de futebol] está intimamente ligada à identidade e ao conhecimento. Com um sentido que é *produzido* e não *encontrado*, não apenas influenciando mas também sendo influenciado pelos sujeitos. Segundo Gramsci, as atividades que vigoram no que ele chama de “sociedade civil” exercem “pressão coletiva” e obtêm “*resultados objetivos de elaboração nos costumes, nos modos de pensar e de atuar, na moralidade, etc*” (GRAMSCI, 2007, p. 23-24). Assim como exerce para Hall o papel da “circularidade da cultura”, na qual as práticas culturais identificadas com a classe dominante em uma definida conjuntura podem ser acopladas/ressignificadas pelas classes populares em outro momento; o movimento inverso é, do mesmo modo, percebido. O entendimento do esporte enquanto apenas como “ópio” é derivado do conceito de “falsa consciência”, o que para Gramsci, não é compatível como a forma como categoriza a ideologia, que não comporta esse sentido mecanicista, não é negativa ou enganosa em si, visualizando essa relação de maneira dialética e contraditória.

Como vimos anteriormente, a identidade, que é parte também de uma ideologia, “não flutua no ar”, ou seja, a construção dessa identidade em torno do futebol, também é permeada pelas ideologias dominantes, e utilizado como forma de dominação e nesse caso, da dominação do homem sobre a mulher e o reforço dos “lugares” permitidos às mulheres. Com a proibição do futebol feminino de 1941 até 1979, o Estado dizia literalmente que o futebol não era lugar de mulher. Isso porque além do futebol, o governo oficializou a interdição das mulheres a algumas práticas esportivas, tais como as lutas, o boxe, rugby, pólo, water-polo, por serem considerados esportes violentos e não adaptáveis ao sexo feminino. O estudo de Franzini (2005) mostra que a mulher foi desde o início excluída da prática do futebol e a sua exclusão foi sempre justificada pelo fato desta não ter valores ou qualidades físicas como força, destreza, velocidade, resistência e perseverança, com estes valores sempre atribuídos apenas aos homens.

As consequências da proibição no Brasil são sentidas até hoje. O discurso do “jogo ruim” ou da “lentidão” são usados como justificativas por aqueles que optam por não assistir partidas femininas. Os aspectos biológicos são a desculpa dos que defendem que uma árbitra pode apitar apenas jogos femininos, mesmo se passar no teste dos parâmetros masculinos. A voz “estranha” e o “não conhecimento” de

regras do futebol são os argumentos daqueles que acham que o lugar da mulher não é no jornalismo esportivo. E o medo da soberania feminina faz com que poucas mulheres sejam contratadas para o cargo de técnica ou de gestão. Apesar de o futebol feminino brasileiro ter deixado de ser alvo de interdição, sua consolidação continua sendo um desafio. Boa parte da discriminação e dos preconceitos que ele continua enfrentando, certamente, tem a ver com os 30 anos de proibição e de desqualificação que ajudaram a construir uma moral sexista alicerçada no discurso de que mulher não combina com futebol. (DALPONTE, 2021, p.15)

O reforço desses valores frente a sociedade, que ajudou a distanciar as mulheres do futebol (ainda que esse processo aconteça sob tensões e contradições) se dá pela incidência de quatro conceitos importantes: Representação Social, Discurso, Estereótipo e Mídia. O primeiro conceito a ser definido é representação social. Segundo Moscovici (1961), a representação social compreende um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objetos sociais, permitindo a estabilização do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos, constituindo um instrumento de orientação da percepção, contribuindo para comunicação dos membros de um grupo ou de uma comunidade. (WACHELKE, 2007, p.3) Já Spink (1993, p.4) dizia que a representação é saber prático e é sempre uma forma comprometida e/ou negociada de interpretar a realidade. Além de uma definição para Estudos Culturais, Representação Social também é utilizado na psicologia social para compreender os comportamentos individuais e coletivos.

Cabe ressaltar que as representações sociais têm a comunicação de massa como condição de possibilidade e determinação (Jodelet, 2001, p.13), pois é por meio da comunicação em larga escala que ideias podem difundir-se extensivamente e chegar a membros de grupos sociais, gerando debate na esfera pública. Assim, o conhecimento social é criado e recriado, tendo como vetores os veículos de comunicação social. Outro conceito importante é o de discurso. Trazido também por Stuart Hall (2016, p.76) em *Cultura e Representação*, ele define que este não é meramente um conceito linguístico, mas que define e produz os objetos do nosso conhecimento, governa a forma como o assunto pode ser significativamente falado e debatido e também influencia como ideias são postas em prática e usadas para regular condutas.

Já o estereótipo ou estereotipagem, é o conjunto de práticas representacionais essencialistas, que busca reduzir as pessoas a algumas poucas

características, sendo representadas como fixas por natureza. Os estereótipos são parte da manutenção da ordem social e simbólica e tendem a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder. Por fim, a mídia, derivado de “mediação”, onde Martín-Barbero (1987, p.171), coloca que o campo das mediações é formado pelos dispositivos pelos quais a hegemonia modifica internamente o sentido de vida, valores e trabalho dentro de uma sociedade. Trata-se de um processo relevante no funcionamento da dinâmica social de comunidade e do relacionamento de pessoas que coexistem em suas diferenças, porém, sofrendo influência significativa dos significados produzidos pelas mediações que alcançam a cultura de uma forma mais constante, uma atividade que pode tender a intencionar com que os indivíduos pensem e encarem os modos de vida de maneira similar, a partir da norma hegemônica. Nesse sentido, o papel da imprensa e da comunicação na construção cultural de uma sociedade se tornou crucial, pois as informações necessitam de ampla circulação para que sejam legítimas e legitimadas.

Portanto, articulando conceitos, podemos dizer que a amplificação de um *sistema de valores* (representação social) essencialistas ligados a um *discurso* de distinção biológica, buscaram fixar na sociedade o *estereótipo* que reforçam características apresentadas como impeditivos de atuação no esporte. E a *mídia*, enquanto formadora de opinião, tem o poder de influenciar a sociedade, jogando um papel importante em como essas representações são apresentadas. Em matéria da Revista Placar, de ampla circulação na década de 1980, as jogadoras de são referidas como “*um antro de homossexualismo, praticado por mulheres feias e masculinizadas*”. Ludmilla destaca que também nos anos de 1980 e 1990, a mídia impressa muda sua estratégia para desmistificar a imagem masculinizada da esportista e veicula seu discurso a representação das “*musas*” esportivas na imagem de várias atletas femininas de diferentes esportes, como demonstrado nas seguintes duas matérias:

“Boas também de bola – Elas não têm preconceito e muito menos defendem a tese de que futebol é para homem. Por isto, as meninas do Radar continuam faturando títulos, e ontem, na Ilha do Governador, conquistaram, pela terceira vez, a Taça Brasil de futebol feminino, ao vencerem por 3x0 o time do Internacional, de Porto Alegre. Os gols foram marcados por Cenira (2) e Roseli, todos com muito charme e o tão conhecido toque feminino”
Matéria publicada no Jornal O Dia de 13 de janeiro de 1986, no Rio de Janeiro.

“Cariocas conquistam os mineiros – Elas driblam, matam a bola no peito, caem, se machucam, mas não se esquecem do lado feminino. Assim é o time de futebol de salão do Country/Poquet, do Rio de Janeiro, formado por

garotas bonitas e boas de bola. Sem perder a pose de atletas, elas entram em quadra “produzidas”, ouvindo logo um comentário: “Bonitas desse jeito, será que elas jogam futebol?”

Matéria publicada no jornal Hoje em Dia de 17 de abril de 1990, em Belo Horizonte.

Wanderley Marchi Júnior e Leila Salvini (2016, p.13), ao apresentarem a história do futebol feminino contada pela revista Placar entre os anos de 1980-2010, observaram que o time de futebol feminino ideal era aquele com várias modelos da época, com corpos entendidos como bonitos e exuberantes, sendo a única preocupação a de exibirem tais corpos performatizados para a torcida. Podemos observar o que seria essa representação também nas capas de algumas revistas Placar:



Capa da Revista Placar sobre o futebol feminino, Agosto de 1995



Placar N°1119 - Susana Werner - 1996

Essa condição foi dando os sinais de quais seriam os estereótipos dado às mulheres que gostassem de jogar futebol. Ora representando a “quebra” da feminilidade comumente colocadas no lugar de “sapatões” e “não-femininas”, ora representando o entretenimento para outros fins (ligado também ao desejo sexual masculino). Esses lugares “permitidos” às mulheres no futebol, distante ainda da construção de admiração construída com os jogadores masculinos, passam justamente pela necessidade de construir uma representação que segue colocando as mulheres como subclasse.

2 AVANÇOS, CONQUISTAS E UMA LUTA CONSTANTE

2.1 Uma nova onda feminista ronda o mundo e o esporte

“Desde a última Copa do Mundo, há diversas ações que mostram que as mulheres estão cansadas dessa situação. Pelo mundo, surgiram atos cobrando igualdade para o futebol feminino: as jogadoras da seleção estadunidense, quatro vezes campeãs mundiais, abriram um processo contra a federação de futebol do país solicitando a paridade dos salários com os homens; a norueguesa Ada Hegerberg, bola de ouro no ano de 2016, não participou do Copa do Mundo de 2019 em protesto à situação do futebol feminino em seu país natal; e Marta, seis vezes melhor do mundo, entrou em campo, durante a competição, com uma chuteira preta, sem patrocínio e com o símbolo de igualdade.”

Carine - técnica do Napoli, que ajudou a formar escolinhas nos bairros de Caçador
(DALPONTE, 2021)

As insuficiências dos clubes, seleções, federações e inclusive da FIFA com o futebol feminino foi se gestando um movimento de contestação ainda que dissociado e disperso, das atletas e da sociedade em relação a situação do futebol feminino. Os baixos salários, falta de patrocínio, falta de estrutura para treino, de escolinhas regulares, falta de cobertura jornalística e televisiva, desorganização em relação aos calendários dos campeonatos, dentre diversos outros problemas, foi abrindo cada vez mais uma ferida que não foi curada com o fim da proibição do esporte feminino no Brasil.

Nos anos em que esteve sob proibição ou mesmo no período de abertura, o movimento feminista não tinha como foco a inclusão das mulheres no futebol. Mas nesses últimos anos, foi possível visualizar uma influência mesmo que não diretamente. Isso porque, em 2017, a palavra do ano escolhida pela Billboard foi *feminismo*. Países como Argentina, México, Brasil, EUA, Polônia, Espanha, dentre outros, tiveram grandes manifestações de mulheres nas ruas pautando temas como violência de gênero, direitos reprodutivos e o espaço destinado para as mulheres na sociedade.

Apesar de não haver um movimento feminista organizado em relação as questões futebolísticas, inclusive pela relutância das atletas que buscam dissociar-se dessa palavra ainda estigmatizada e de se posicionarem diretamente sobre temas políticos no geral (LUDOPÉDIA, 2017), vimos movimentos importantes como “Deixa ela trabalhar”, impulsionado por jornalistas esportivas mulheres, após

diversos casos de assédio nos estádios. Mas é inegável, que a “nova onda mundial feminista”, que começou a demonstrar sua força em 2015, teve sua influência para as mudanças que estavam com sua necessidade em voga. Passamos a ver mais cotidianamente feitos inéditos acontecendo, inclusive respingando no próprio futebol masculino, onde tivemos pela primeira vez em 2018 a transmissão da Copa da Rússia feita 100% por mulheres. Junto à crise da FIFA, construiu-se uma combinação explosiva para que nada mais continuasse como estava.

2.2 Mudanças em curso na FIFA e na CBF

Se 2015 foi o ano de revoltas de mulheres por seus direitos pelo mundo, foi também o ano em que veio à tona o que muita gente já imaginava: a FIFA, instância máxima de organização do futebol mundial se tornou uma instituição de garantia de interesses próprios, para o enriquecimento dos seus executivos, compra de votos e troca de favores com chefes de Estado e grandes empresas. No mês de maio daquele ano, sete executivos (que até então, agiam como intocáveis, sem ter de prestar contas a ninguém) foram presos acusados de corrupção envolvendo a escolha de Rússia e Catar para serem países-sede da Copa do Mundo de futebol masculino em 2018 e 2022. Dentre eles, o ex-presidente da CBF José Maria Marín.

No documentário “Escândalos da FIFA”, lançado em 2022 pela Netflix, é possível visualizar como essa relação foi sendo construída. Por um lado, o recebimento de propina de executivos de marketing para comercialização de direitos de mídia e marketing de diversas competições esportivas, e por outro, a compra de votos de executivos e federações feitas por chefes de Estado, para garantir seus países como a sede da Copa do Mundo.

Isso acontece porque o futebol - masculino - se tornou um negócio lucrativo, além de ampliar sua influência como uma potente ferramenta ideológica. Ao final da década de 1980 e início dos anos 1990, com a queda do Muro de Berlim e o fim do “socialismo real”, os mercados se expandem e a “globalização” se torna a palavra do momento, inclusive no futebol. Exemplo disso, é que de forma inédita, na Copa do Mundo de 1998, o Brasil entrou em campo com apenas 3 dos 11 titulares jogando no Brasil, com o *business* europeu se tornando o centro do futebol no planeta. Muitos clubes passaram a inclusive colocar ações na bolsa de valores. Além de se consolidar como um grande negócio econômico, também veio à tona uma nova

expressão utilizada pelas organizações de direitos humanos para descrever a utilização política do esporte, que é o termo *'sportwashing'*. Essa palavra refere-se à prática de limpar a reputação de um país ou de uma pessoa (políticos principalmente) mal vistos pela sociedade - normalmente por violar direitos humanos. Após esses escândalos, ficou ainda mais evidente o quanto o futebol é parte dessas disputas de hegemonia na sociedade, permeado por interesses econômicos e políticos.

Desta necessidade de mudar a imagem do futebol, que a Copa do Mundo da França de futebol feminino ganhou holofotes nunca antes tidos às mulheres, com a cobertura da Rede Globo pela primeira vez, com mais do que o dobro de espectadores brasileiros acompanhando em relação a Copa anterior. Ainda que o impacto da mídia seja um dos principais elementos para essa ampliação, foi visto também o movimento coletivo das pessoas de assistirem aos jogos femininos no Brasil, com transmissão em universidades, escolas e demais espaços públicos. Como parte de um efeito não apenas comercial, mas também subjetivo de uma atenção que despertava diante da decepção de muitos com o futebol masculino. Apesar disso, a eliminação precoce do Brasil, gerou um desabafo importantíssimo e emocionante de Marta, que falou ao fim da partida com os olhos marejados:

“Eu queria estar sorrindo ou até chorando de alegria. Mas para isso precisamos querer mais, treinar mais e se cuidar mais. A gente tem que estar pronta pra jogar mais 90, 30 minutos, o quanto for. É isso que eu peço pras meninas. Não vai ter Marta, Cristiane e Formiga para sempre. E o futebol feminino depende das meninas e dos torcedores para sobreviver. Então, pense nisso, valorize mais. Chore no começo para sorrir no fim

Algumas mudanças foram, enfim, sendo colocadas em prática. Talvez uma das principais e mais importantes, tem a ver com a alteração dos regulamentos da CONMEBOL e da CBF tornando obrigatório a partir de 2019, a manutenção de equipes femininas, tanto principal quanto juvenil, para os clubes que desejam disputar os campeonatos oficiais - masculinos - dessas federações, como a própria Copa Libertadores e o Campeonato Brasileiro. Uma possibilidade foi também associar-se a clubes já existentes, exatamente o que ocorreu com a associação do tradicional clube da capital catarinense, o Avaí, com o Kindermann de Caçador. A existência desses clubes femininos, também deve garantir suporte técnico, de equipamentos e infraestrutura, além dos salários em dia e estimular a formação de novas atletas.

Além da mudança de nome, o Kindermann seguiu com sua estrutura e administração em Caçador, mas sentiu positivamente os efeitos de associar-se a um time grande, quando após 2019, o clube avança em mais dois patrocinadores, 16 parceiros, além do apoio de projetos governamentais. Logicamente que a pandemia afetou o futebol, mas as mudanças feitas a partir desse momento, já estão sendo visualizadas a partir do avanço observado nos clubes brasileiros e internacionalmente.

Em setembro de 2020, a contratação de duas ex-jogadoras, Aline Pellegrino e Eduarda Luizelli, para assumirem cargos de comando na CBF, além de animar os ânimos para mudanças, também anunciou outra importante medida: “a equiparação dos pagamentos feitos aos jogadores e às jogadoras das Seleções Brasileiras Principais” (CBF, 2020, s.p.) (Goellner, 2021, p.9). Pelle, como é conhecida, solidificou o futebol feminino no estado de São Paulo, tanto na base, quanto nos times da elite. Hoje podemos perceber a disparidade no Campeonato Brasileiro quando os principais times paulistas estão em campo. (DALPONTE, 2021, p.16). O estado de São Paulo levou o Campeonato Brasileiro da Série A1, em 9 oportunidades, das 10 edições até 2022. Em relação a desigualdade econômica, ainda que as comparações sejam em sua prática, anacrônica, mas simboliza parte dos gigantes passos que o futebol feminino precisa dar. Segundo o Relatório Benchmarking do Futebol Feminino da FIFA, lançado em 2021, é possível observar os avanços também no que diz respeito ao mercado do futebol feminino:

Número de transferências internacionais - futebol masculino (janela de janeiro)

2017 - 3.267 (US\$ 0,86 bilhão - R\$ 4,6 bilhões)

2018 - 3.407 (US\$ 1,34 bilhão - R\$ 7,3 bilhões)

2019 - 3.852 (US\$ 1,10 bilhão - R\$ 6 bilhões)

2020 - 4.215 (US\$ 1,16 bilhão - R\$ 5,8 bilhões)

2021 - 2.690 (US\$ 0,59 bilhão - R\$ 3,3 bilhões)

Número de transferências internacionais - futebol feminino (janela de janeiro)

2018 - 69 (US\$ 223,8 mil - R\$ 1,2 milhão)

2019 - 100 (US\$ 54,1 mil - R\$ 292 mil)

2020 - 185 (US\$ 193,6 mil - R\$ 1,05 milhão)

2021 - 177 (US\$ 310,1 mil - R\$ 1,7 milhão)

2.3 Novos desafios, velhos problemas

Desde a última Copa do Mundo, há diversas ações que mostram que as mulheres estão cansadas dessa situação. Pelo mundo, surgiram atos cobrando igualdade para o futebol feminino: as jogadoras da seleção estadunidense, quatro vezes campeãs mundiais, abriram um processo contra a federação de futebol do país solicitando a paridade dos salários com os homens; a norueguesa Ada Hegerberg, bola de ouro no ano de 2016, não participou do Copa do Mundo de 2019 em protesto à situação do futebol feminino em seu país natal; e Marta, seis vezes melhor do mundo, entrou em campo, durante a competição, com uma chuteira preta, sem patrocínio e com o símbolo de igualdade.

(DALPONTE, 2021, p.10).

O caminho feito até aqui não foi fácil. Se hoje podemos analisar números com um mínimo de fio de esperança do que pode vir a ser o futebol feminino, é porque muitas tiveram não só a coragem de enfrentar a proibição, mas principalmente tiveram que driblar dificuldades para poder viver profissionalmente do que sonhavam. Os passos dados permitiram que com que tivéssemos uma final de Campeonato Brasileiro neste ano de 2022 com os estádios de Internacional e Corinthians lotados com mais de 40 mil torcedores, muitas mulheres, torcendo e se emocionando junto com os avanços que essa modalidade tem tido no país. Mesmo assim, muitos espectadores do futebol, ou mesmo parte da imprensa, se utilizam do argumento do “gosto” para justificar o que na prática, se constituiu como um boicote ao futebol feminino. Como nos demonstra Bourdieu (1973, p.15) em *Gostos de classe e estilo de vida*, o que entendemos como “gosto” é algo socialmente construído e tem reflexo nas referências que recebemos ao longo da vida. Portanto, não apenas as mudanças feitas nas instituições do futebol são importantes, mas também o papel especialmente da imprensa e do marketing dos clubes em disputar esse imaginário que as mulheres ocupam no futebol, como parte do reflexo de como está a sociedade.

Não há como apagar todo preconceito ainda vigente, do que as meninas enfrentam desde as aulas de educação física quando decidem jogar bola com os meninos e ainda sofrem desdém, ou todo assédio ainda vigente nos estádios e espaços majoritariamente masculinos. Por isso, e por todo o abismo ainda existente, a equiparação seguirá sendo uma luta constante.

3 O AVAÍ KINDERMANN OU SÓ KINDERMANN

“De acordo com uma pesquisa brasileira do Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares e Leonardo Bernardes Silva de Melo, a chance de um atleta se tornar profissional é de 1,5%. Em todo futebol brasileiro masculino, há cerca de 10 a 15 mil postos de trabalho. Na elite são cerca 520 lugares na disputa do Campeonato Brasileiro. Segundo levantamento da CBF, em 2016, mais de 80% dos jogadores brasileiros ganhavam menos de mil reais de salário. Por isso, o caminho do estudo aliado ao futebol, trazido por times femininos no Brasil, não é apenas legal, mas ideal. Pensar no depois da carreira ou no fracasso dela, é necessário para que o futuro não seja uma grande surpresa.”

(DALPONTE, Maria Eduarda Gonçalves. Celeiro de futebol: Caçador e as equipes irmãs na elite feminina, 2021, pg. 70)

3.1 Reorganização do futebol feminino e panorama do futebol

Com a reabertura da ditadura no Brasil, também foi-se retomando a discussão sobre o futebol feminino, até sua regulamentação apenas em 1983. Ainda que na várzea, nas periferias do país, as mulheres negras tenham continuado a jogar futebol, pois eram consideradas fora dessa política oficial do Estado de preservação do “corpo feminino”, por não serem consideradas femininas. Mesmo ainda sob a ditadura militar, em 1982, a paranaense Rose do Rio se destacou por organizar uma partida feminina no estádio do Morumbi, que contou com a presença de quase 70.000 torcedores, em meio ao Festival Nacional das Mulheres nas Artes promovido pela atriz e produtora cultural Ruth Escobar. Articuladora desse jogo icônico, a jogadora e advogada Rose do Rio, foi protagonista de muitas ações em prol do direito das mulheres vivenciarem o futebol. Em sua peregrinação por órgãos públicos, clubes e competições, conversou com Giulite Coutinho (presidente da CBF), João Havelange (presidente da FIFA) e César Montanha (presidente do CND2) (Goellner, 2021, p.4). Mesmo com a Justiça e a Federação Paulista de Futebol tentando barrar o jogo, as mulheres driblaram a proibição associando o evento com um caráter preliminar e beneficente do festival, fazendo com que a partida acontecesse e fosse uma estratégia para pressionar as instituições a regulamentar a modalidade feminina. Sócrates, jogador do Corinthians, manifestou-se em defesa das mulheres e, diante da possibilidade de interdição da partida em 1982, falou: “[...] se elas não entrarem, nós também não vamos entrar!” (MUSEU DO FUTEBOL, 2016).

Creches, legalização do aborto e oportunidades iguais foram algumas das reivindicações das mulheres vindas de três continentes para o I Festival

Nacional de Mulheres nas Artes, organizado pela atriz e empresária de teatro, Ruth Escobar. Realizado em São Paulo e no ABC em mais de 40 locais diferentes, por 10 dias a produção feminina invadiu as ruas da Capital paulista, instalou-se em cinemas, teatros, exibiu-se em galerias e museus. Tudo isto para lembrar aos opositores que a mulher saiu definitivamente da periferia da cozinha e já se fez reconhecida imortal pelas academias de letras, impôs-se em comícios políticos e provou até mesmo que pode sacudir as galeras de qualquer estádio de futebol (AMARANTE, 1982, p. 47).

O Brasil também participou da primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino, sediada na China, que aconteceu 60 anos depois da primeira Copa Masculina, em 1991, participando com uma seleção ainda improvisada e sendo eliminada na fase de grupos, na nona posição entre doze seleções participantes. O registro da Folha de S. Paulo à época destaca:

[...] a eliminação precoce do Brasil causou revolta na sede da CBF, no Rio de Janeiro. O presidente da entidade, Ricardo Teixeira, ameaçou extinguir a realização de campeonatos oficiais de futebol feminino no Brasil. Segundo ele, o baixo rendimento da seleção na China desestimula o investimento financeiro na categoria

A Seleção brasileira que foi à Copa do Mundo de 1991 era formada por Meg, Rosa Lima, Marisa, Elane, Marcia Silva, Fanta, Marilza, Solange, Adriana, Roseli, Cenira, Miriam, Márcia Tafarel, Nalvinha, Pretinha, Doralice, Rosangela Rocha e Maria Lúcia. Grande parte do elenco naquele ano era oriundo do Esporte Clube Radar — time carioca, que foi um dos pioneiros no desenvolvimento do futebol feminino no país. O comando da Seleção era de Fernando Pires.

As dificuldades permaneceram num desenvolvimento tardio e ainda lento, com destaques de clubes concentrados no sudeste. A explosão do futebol feminino no país ocorreu na década de 80, quando as competições organizadas pelas instituições gestoras do futebol começaram a emergir em várias regiões do país. A Federação Gaúcha de Futebol, que havia encaminhado ao CND um estudo argumentando a favor da regulamentação (MENDES, 1983), promoveu uma partida de mulheres como preliminar ao jogo entre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o São Paulo Futebol Clube, que estavam disputando a terceira fase da Taça de Ouro, denominação do Campeonato Brasileiro daquele ano. Realizada em Porto Alegre no dia 17 de abril de 1983, com o estádio do Grêmio praticamente lotado (40.820 pessoas para a capacidade máxima de 51.081), entraram em campo as jogadoras do Esportivo de Bento Gonçalves e do Sport Clube Rio Grande para disputar esse

que talvez tenha sido o “primeiro jogo de futebol feminino oficialmente autorizado por uma federação no Brasil” (Goellner, 2021, p. 4).

O time carioca Radar, espinha dorsal da primeira seleção a disputar o Mundial feminino, colecionou títulos nacionais e internacionais. A trajetória vitoriosa estimulou o nascimento de novos times e, segundo dados do Museu do Futebol (2019), em 1987, a CBF já havia cadastrado 2 mil clubes e 40 mil jogadoras. Além do Rio Grande do Sul (RAMOS; GOELLNER, 2018), ainda em 1983, foram realizados campeonatos no Paraná, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Sergipe, Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro (SILVA, 2017), Ceará (NASCIMENTO, 2019), Minas Gerais (ANJOS; DANTAS, 2020), Bahia (MORAES, 2014), Goiás (KETELBEY, 2018), entre outros. Nesse mesmo ano, surge a primeira competição nacional: a Taça Brasil de Futebol Feminino, cuja estreia reuniu quatro equipes (Goellner, 2021, p.5).

Ainda na década de 1980, a televisão passou a exibir os jogos do futebol feminino, neste caso, com dedicação da Rede Bandeirantes que ocupou este espaço vazio ainda sem grande concorrência. O início dos anos 2000 foi marcado por um ciclo vitorioso em termos de resultados da seleção brasileira. Medalha de Ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo (2003) e do Rio de Janeiro (2007), Campeãs Sul-Americanas (2003), Medalha de Prata nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) e de Pequim (2008) e Vice-campeãs da Copa do Mundo de Futebol Feminino da China (2007). Apesar de parecer que estávamos vivendo uma nova era do futebol de mulheres e que essas conquistas garantiriam sua estruturação e profissionalização, pouco se avançou nessa direção e o descontentamento com a condução da modalidade foi expresso publicamente por algumas jogadoras (Goellner, 2021, p.7). Mesmo que tenhamos no Brasil, a maior artilheira de todas as Copas do Mundo, superando Pelé, eleita 6 vezes a melhor jogadora do mundo, foi apenas em 2019 que vivemos próximo da experiência do que é assistir uma Copa por completo na televisão aberta e a existência de uma comoção nacional para assistir a seleção brasileira. Também segundo Goellner (2021, p.6), apesar de não podermos analisar o futebol de mulheres no Brasil apenas a partir da seleção nacional, sua trajetória é um indicador que merece atenção, seja porque baliza incentivos, seja porque visibiliza a modalidade, sobretudo na mídia que, em grande medida, pauta o protagonismo das futebolistas apenas no período de competições de grande porte.

As partidas de futebol praticadas por mulheres eram vistas como algo engraçado, um circo. A imprensa reforçava as falhas e escondia os sucessos. As mulheres que gostavam de jogar futebol ficavam à margem da sociedade e aquelas de classe baixa não tinham oportunidades para jogar de verdade. A relação das mulheres com a prática esportiva representa o perfil conservador e segregador da sociedade brasileira (DALPONTE, 2021, p.14)

3.2 Surgimento e transformação de um clube no interior de Santa Catarina para um marco de irmandade no futebol catarinense

Hoje a cidade está habituada com o futebol feminino, mas toda essa história começou com a modalidade de futsal. Caçador já sediou diversas competições catarinenses, como três Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC), quatro Joguinhos, três Jogos Abertos Paradesportivos de Santa Catarina (Parajasc) e duas Olimpíadas Estudantis Catarinenses (Olesc). A equipe do Kindermann representa a cidade de Caçador nesses campeonatos, além de jogar as demais competições de futsal. (DALPONTE, 2021, p.40)

Mesmo sendo fundado em 1975 como clube masculino de futsal por “Seu Salézio”, o Kindermann, localizado em Caçador, no oeste catarinense, passa por um período de fechamento e retorna em 2004 como equipe de futsal feminino, já obtendo importantes resultados até se transformar em clube de futebol em 2008. O futsal acaba muitas vezes sendo a possibilidade de jogar bola para muitas mulheres.

“O futsal é extremamente importante na manutenção do futebol. Antes era muito mais difícil organizar um campeonato de campo, pela quantidade de atletas e pela falta de disponibilidade dos campos. As mulheres não podiam ocupar qualquer espaço. Se você olhar a arquitetura das quadras, elas acabam sendo lugares mais seguros ou menos visíveis. Tem várias equipes que surgem do futsal ou jogadoras que vêm do futsal”, contextualiza a historiadora e pesquisadora Aira Bonfim. (DALPONTE, 2021, p.51)

Pouco tempo depois, logo em 2015 o Kindermann alcançou seu principal título, a Copa do Brasil de futebol feminino. O projeto Kindermann, se tornou para além de apenas um clube de futebol, mas um projeto coletivo de desenvolvimento do futebol feminino no estado de Santa Catarina. Isso porque em meio a essas conquistas, o clube teve de fechar suas portas por conta de um caso de assassinato ao seu técnico, logo no ano de 2015, onde obteve sua principal conquista.

Em 2015, o time de futebol feminino do Kindermann estava em plena atividade e conquistou a Copa do Brasil em cima da Ferroviária. Porém, no mês de dezembro, Seu Salézio viu um ex-funcionário entrar no hotel de sua família, fazer refém suas duas filhas e sobrinhos e assassinar Josué Henrique Kaercher, o técnico

do clube naquela vitoriosa temporada. O ocorrido abalou a família Kindermann, que precisou fazer terapia para se recuperar do trauma e paralisar as atividades da equipe por um ano. (DALPONTE, 2021, p.7)

O retorno do Kindermann ocorreu em janeiro de 2017, oportunizado pela reformulação do Campeonato Brasileiro feminino, com o fim da Copa do Brasil e a divisão entre Série A1 e Série A2. Seu Salézio é informado que o Kindermann está rankeado no 8º da CBF e portanto teria direito a uma vaga na Série A1. Não demora para o clube catarinense retornar a plenos pulmões. (DALPONTE, 2021, p.8). O legado do Kindermann passa não apenas por ter se tornado um celeiro de grandes jogadoras, mas por buscar aliar o projeto de vida das jogadoras com um projeto de futebol a longo prazo. Marco disso, foi a fundação e relação estabelecida com o Napoli, um clube irmão, ou melhor, irmã, que acabou se tornando uma espécie de Time B do Kindermann, que tinha um pouco mais de 30 atletas e foi dividido entre “equipe principal” e “time b”. Diante da impossibilidade de disputa do Campeonato Catarinense pelo número insuficiente de clubes, o Napoli foi fundado em 2017 e divide a administração e departamento de futebol com o Kindermann.

[...] Naquela temporada, a CBF comunicou que os estaduais, com pelo menos quatro equipes, teriam uma vaga para a Série A2. Como o catarinense tinha apenas três clubes, Salézio, juntamente com o diretor Jonas e o com o amigo e presidente do Napoli, Adriano Rodrigo Schmitz, teve a ideia de dividir as atletas do Kindermann em dois times e utilizar o CNPJ do Napoli, clube masculino de Caçador, para se inscrever na competição estadual e barganhar uma vaga na Série A2 de 2018. (DALPONTE, 2021, p.9)

As relações entre os dois clubes se transformou em uma relação de fraternidade, como parte do mesmo projeto, inclusive porque as decisões eram tomadas pela mesma pessoa. *“Em alguns momentos, as jogadoras e comissões técnicas se confundiam entre si. Por um tempo, o uniforme de treino do Napoli estampava a logo do Kindermann e a comissão do irmão mais novo utilizava camisas com as cores amarelo e preto, em vez de azul e vermelho. Com a criação do Napoli feminino, os funcionários e as jogadoras precisaram se dividir, mas continuaram se sentindo como um.”* (DALPONTE, 2021, p.4). Logo em seguida, porém, o Napoli começou a sentir as dificuldades de manter a estabilidade no futebol feminino. Já na temporada de 2018, quando o Napoli disputou a Série A2, o clube foi desclassificado ainda na fase de grupos do campeonato nacional e paralisou as suas atividades. *“Nós tivemos uma boa apresentação mesmo com um grupo*

reduzido. Na comissão técnica era eu e as meninas. Algumas pessoas da comissão do Kindermann auxiliavam quando era possível, mas muito pouco. Nós não tínhamos uma estrutura. Às vezes, a goleira tinha que aquecer a goleira porque eu não tinha alguém para trabalhar comigo. Em 2018 o Napoli morreu e retornou só no final de 2019 para disputar o Campeonato Catarinense com uma estrutura melhor e com uma comissão técnica.”, lembrou Carine. (DALPONTE, 2021, p.10)

Mas em 2020, o Napoli é campeão do Campeonato Brasileiro A2 e passa a disputar a elite do futebol brasileiro feminino ao lado do Kindermann, que naquela temporada se torna vice-campeão do Campeonato Brasileiro A1, perdendo o título para um destacado clube no futebol feminino brasileiro, o Corinthians.

Apesar da diferença de investimento e atenção para os clubes, os elencos usam as mesmas estruturas de Caçador. As condições do estádio, dos campos de treinamento, da academia, do transporte e da alimentação são divididas pelos irmãos. As atletas também moravam juntas no alojamento anexo ao Estádio Carlos Alberto Costa Neves, mas com a ascensão do Napoli à elite, em 2021, as jogadoras do Kindermann passaram a morar em casas e apartamentos, pagos pelo clube, espalhados por Caçador. (DALPONTE, 2021, p.13)

Para a cidade, comissão técnica e dirigentes, o Napoli sempre foi um degrau abaixo do Kindermann: *“O Napoli foi formado como um laboratório para a equipe do Kindermann. Vinham atletas novas, atletas que a gente não poderia colocar a treinar com uma equipe já avançada, então a gente botava para treinar com o Napoli. Se a atleta fosse boa, a gente colocava na equipe do Kindermann. Se a atleta precisava de uma cancha, ia para a equipe do Napoli e depois de um tempo a gente trazia para o Kindermann. Isso deu tão certo que hoje os dois times disputam a mesma divisão”*, comenta Jonas, o presidente do Napoli (DALPONTE, 2021, p.12)

Com as entrevistas recolhidas do Canal Desimpedidas, destacando a importância do surgimento recente do jornalismo esportivo independente feito por mulheres, é possível notar uma relação maior de parceria entre as jogadoras dos clubes e notável também o importante papel de insistência da família Kindermann para levar adiante não só o projeto Kindermann mas também o do Napoli e do futebol feminino catarinense como um todo, criando inclusive escolinhas de futebol nos bairros de Caçador. A cidade há muitos anos possui relação com o esporte, seja futsal ou futebol, e abraçou Kindermann e Napoli tal qual parte do fenômeno orgânico de quem passa a acompanhar futebol como parte da sua rotina de vida, e

algo com significado para além do resultado esportivo, mas com vínculo emocional relacionado ao próprio território. *“Uma vez um senhor me parou na rua para falar que algumas meninas novas do Kindermann foram meio grosseiras e que isso não era legal. Eu me desculpei por elas e falei que elas não deveriam estar acostumadas com aquilo. Quando eu conversei com o grupo, as meninas prontamente falaram que elas ficaram assustadas por ele parar elas e querer falar sobre futebol. Eu expliquei que aqui é assim mesmo, os moradores conversam, conhecem a gente, e essa interação é muito boa”,* relembra Tuani Lemnos, capitã da equipe do Kindermann (DALPONTE, 2021, p.37)

Podemos dizer que, apesar do pouco incentivo e visibilidade do futebol feminino enquanto um projeto de desenvolvimento a longo prazo num cenário nacional, foi possível ao longo desses anos construir identidade da população de Caçador com os clubes femininos da cidade. Uma dessas ferramentas que possibilita essa relação, é que por ser uma cidade de médio porte, assim como em diversas cidades do interior, os moradores se informam e ficam por dentro de todas as notícias do futebol do município pelo rádio. A técnica do Napoli, Carine Bosetti, conta que em vários lugares que a equipe vai, as pessoas puxam conversa e comentam “eu ouvi na rádio”. A opinião sobre essa relação entre caçadorenses e as equipes de futebol da cidade é unânime: todas as jogadoras e funcionários adoram a aproximação. *“É muito bacana. A gente sente esse calor da torcida e o quanto as pessoas gostam do Kindermann, do Napoli e gostam do futebol feminino aqui em Caçador”,* conta Carine. (DALPONTE, 2021, p.37)

Como parte das mudanças que o futebol feminino vem sofrendo a nível mundial e nacional, o Kindermann recebe em 2019 a possibilidade de fechar parceria com o Avaí da capital Florianópolis, que passou a precisar, segundo exigência da CBF, de um clube feminino para participar da Série A do Brasileirão masculino. Dessa forma, o clube de Caçador passou a receber repasses do time masculino (um valor fixo por ano) e mudou o nome para Avaí-Kindermann. Na Série B, o clube não tem obrigatoriedade de manter uma equipe feminina, mas da mesma forma, o time segue com a parceria com o Kindermann.

Os moradores da cidade, no primeiro momento, não ficaram muito felizes com a notícia. *“Eu não gostei muito porque eu pensei que ia chegar no final [do campeonato] e eles iam jogar nos estádios oficiais e a gente não ia conseguir assistir. E foi o que aconteceu. Mas, em contrapartida, o Avaí tem um grande nome*

dentro do futebol masculino e isso trouxe uma visibilidade maravilhosa para o time e principalmente para as atletas. Claro, eu tenho que pensar no município, mas penso nelas também. Até então ninguém de fora de Santa Catarina torcia para o Kindermann, a não ser os familiares das atletas. Agora é diferente”, conta Katlin Hartmann, torcedora do Kindermann e do Napoli. (DALPONTE, 2021, p.56)

Apesar de fazer parte de um dos clubes que se tornaram referência a nível nacional enquanto projeto para o futebol feminino, a vida das atletas do Kindermann e do Napoli também não é fácil. Um dos principais problemas que saltam aos olhos do que ainda precisa ser corrigido para que haja o mínimo de estabilidade nas condições do futebol feminino, são os ainda baixos salários recebidos pelas poucas atletas que conseguem se profissionalizar. Em 2020, na Série A2, as atletas do Napoli ganhavam cerca de R\$500 de auxílio, com a ascensão para a primeira divisão do Brasileiro, algumas passaram a receber R\$ 2 mil. *“Eu costumo falar que eu sei que aqui a gente é privilegiada porque a gente consegue viver com o nosso salário, mas eu sei que dentro do futebol existem clubes que as meninas precisam ter outros trabalhos e isso ainda precisa evoluir muito. Todos os clubes ainda precisam evoluir, a gente precisa de mais para continuar a nossa trajetória”*, lamenta Tuani Lemos, capitã do Kindermann. (DALPONTE, 2021, p.86)

Mesmo com diversas fontes de renda, os clubes muitas vezes não conseguem se manter. Salézio Kindermann, que além de gestor de futebol, é empresário e possui uma rede de hotéis e uma empresa de transportes, investe frequentemente para garantir a continuidade dos times. *“O objetivo é encaminhar essas meninas para um futuro melhor. Eu gasto 300, 400 mil por ano do meu bolso. Então não estou fazendo futebol para ganhar dinheiro, isso é a minha vida”*, diz Salézio. O presidente do Napoli e diretor do Kindermann, Jonas Estevão, conta que em 2020 o empresário gastou R\$50 mil para que as equipes pudessem virar o ano em atividade. (DALPONTE, 2021, p.86)

Em maio de 2021, Seu Salézio Kindermann faleceu vítima da COVID-19, deixando órfão os clubes de Caçador mas ficando para a história como um grande incentivador do futebol feminino no país. O futuro do Kindermann, no entendo, segue incerto. No mesmo ano o clube passou mais uma vez por um fechamento e deixou de ser financiado pela família Kindermann. Se faz necessário seguir compreendendo o porquê do sucesso do time de Caçador, não apenas para que o acúmulo não se

perca, mas como contribuição para o desenvolvimento da modalidade feminina num país que ainda tem muito o que avançar.

3.3 Educação (e/é) a base...

Sabe-se que este é um dos principais desafios a ser percorrido pelo futebol feminino, visto que são raras as oportunidades para as meninas jogarem futebol. As escolinhas que existem, são apenas para maiores de 16 anos, com as meninas podendo permanecer até os 13 anos nas escolinhas masculinas. Até 2019, segundo o portal Dibradoras, o Brasil só tinha um time que oferecia base do início ao fim exclusivamente para meninas, o Centro Olímpico, em São Paulo. As jogadoras que ficam, são alvo de machismo e zombaria. Outro problema que as meninas que decidem viver do futebol enfrentam, é a instabilidade do mundo trabalho. Se para os homens é difícil a entrada no mercado profissional, para as mulheres essa possibilidade é ainda menor.

Na maioria das vezes, no futebol feminino, as meninas só saem de casa quando são mais velhas. O corte do cordão umbilical familiar acontece mais tarde, se comparado ao usual nas carreiras de futebol. É difícil ver meninas participando de escolinhas fora de suas cidades com menos de 16 anos, porque faltam clubes que ofereçam esse serviço para as mulheres. Sobram meninas que querem jogar, mas as oportunidades são raras no Brasil. Por isso, Natália Pereira, conhecida como Nati, procurou um clube masculino para começar os trabalhos. A atleta mora em Florianópolis e foi a primeira garota a passar em uma peneira de um clube masculino, o Avaí. A jogadora de 11 anos pode se manter em uma base masculina até os 13, mas depois buscar uma equipe destinada às meninas.
(DALPONTE, 2021, p.65)

O Kindermann possui uma política de garantir os estudos das suas atletas, para que possam se dedicar ao futebol de forma profissional e ao mesmo tempo ter uma profissão que lhes assegure também outras possibilidades de futuro. Salézio conseguiu junto a Uniarp (Universidade Alto Vale do Rio do Peixe) de Caçador, com que suas atletas tenham bolsas de estudo para graduação. A parceria dos dois clubes com a Uniarp é uma via de mão dupla. Enquanto a faculdade oferece cerca de 30 bolsas de estudo, no valor médio de R\$1,6 mil, o Kindermann e o Napoli levam o logotipo da instituição na parte da frente do uniforme. É o caso da própria goleira Bárbara, convocada para a seleção brasileira que teve sua passagem pelo Kindermann em 2014, e de 2017 até outubro de 2022, que chegou a pedir dispensa de um amistoso da Seleção para se dedicar às provas do curso de enfermagem.

Segundo relata para entrevista ao Desimpedidas, a oportunidade de estudar foi um dos fatores para não desistir da carreira profissional nos esportes.

Para a historiadora Aira Bonfim a oferta de faculdade no Kindermann e no Napoli revela um olhar progressista e moderno sobre o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil. *“Eu vejo isso como um projeto muito moderno, eu conheço outros clubes femininos que também fizeram isso. Dá até visibilidade para a própria instituição de ensino. Pensar que depois pode ser uma atleta de reconhecimento nacional e internacional e que vai estar atuando e levando essa imagem para outros lugares. A faculdade dá mais segurança, dentro de um cenário muito inseguro, que são estas últimas décadas do futebol feminino no país”,* explica Aira, que ainda defende que esse deveria ser um exemplo, um modelo, ou até mesmo virar projetos públicos para o futebol feminino. A historiadora também explica que a sensação que a modalidade masculina traz para o futebol é um contexto irreal. Ao ver homens com estudos pausados ganhando muito dinheiro, o futebol é enxergado como degrau de enriquecimento. (DALPONTE, 2021, p.70)

Essas pequenas mudanças em curso nos coloca a refletir não apenas a respeito do desenvolvimento do futebol feminino no período mais recente, mas também sobre quais novas necessidades o mundo do futebol, que especialmente a partir da sua financeirização na década de 80 padronizou-se em um mercado de grandes interesses, terá de abarcar para de fato incluir as mulheres como protagonistas.

CONCLUSÃO

Apesar dos recentes últimos fracassos dentro de campo na Copa do Mundo, o Brasil segue ocupando o posto de país do futebol. Não apenas por seguir sendo berço dos principais craques cada vez mais cedo exportados para a elite mundial do futebol, mas por ter neste esporte uma prática social cotidiana, seja enquanto meio de socialização e saúde, seja enquanto compartilhamento de paixão e identidade. Esse mesmo país excluiu e ainda exclui as mulheres de poder viver o futebol. Foram décadas das mulheres na “geladeira” que ajudaram a cristalizar longos passos de distância, que fez do padrão do futebol, um espaço de masculinidade heteronormativa.

Isso não quer dizer que não tenha havido resistência. As mudanças recentes que igualam salário da seleção feminina e masculina de futebol; que obrigam clubes que disputam competições como Série A do Campeonato Brasileiro e Libertadores da América a possuírem e investirem em equipes femininas, além de uma crescente atenção da grande mídia ao futebol feminino, tem demonstrado que mesmo sob terra arrasada se plantou sementes, se lapidou pérolas como Marta, mas também se cavou espaço para conquistas que oportunizam que as mulheres se enxerguem como parte do futebol sem ser pela via do estereótipo que busca desacreditar seus potenciais, ou dar atenção ao seu corpo e sexualidade.

Há no meio disso exemplos positivos que acumulam-se até que essas conquistas pudessem se efetivar. A parceria entre Kindermann e Napoli, com o investimento não apenas econômico mas de dedicação de Seu Salézio, nos demonstra a importância especialmente do investimento nas escolinhas de base e na construção de uma relação cotidiana com a população local, incentivada pela mídia local e investimento público da prefeitura, que mantém o estádio como principal base de treinamento dos clubes femininos de Caçador. Ainda assim, o futuro do Kindermann é uma incógnita. Com a morte de Seu Salézio, a família encerrou em 2021 o investimento no clube, e até mesmo como permanecerá o nome desse projeto precursor segue incerto. Para além de passar a vender camisetas com o nome de Marta - que inclusive alertou a necessidade de enxergar além dela, Cristiane e Formiga e investir nas meninas nas bases dos clubes -, precisamos olhar como ainda as escolhas, seja de profissão ou lazer, são apresentadas para as crianças, e como o gênero atravessa essa experiência social.

Ao contrário do que se pensava a respeito do exótico, a cultura serve também para normalizar o cotidiano, padronizar diferentes relações. Visualizar a importância da mulher no futebol e de quebrar as barreiras existentes, passa por também compreender o sentido de uma nova representação. Pois se o futebol já esteve à serviço de representar o ufanismo nacionalista de ditaduras, também pode representar por fim a igualdade entre os gêneros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Leonor. Gols de Placa. Revista Mulher, Rio de Janeiro, set./out.1982

BOURDIEU, Pierre. GOSTOS DE CLASSE E ESTILOS DE VIDA. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº 5 , out. 1976. p. 18-43. Traduzido por Paula Montero. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807511/mod_resource/content/1/Bourdieu_.pdf

CAPELO, Rodrigo. Copa do Mundo feminina mais do que dobra audiência de edição anterior e bate recorde no Brasil. *In: Globoesporte*: Blog do Rodrigo Capelo. São Paulo, 5 jul. 2019. Disponível em:
<https://ge.globo.com/blogs/blog-do-rodrico-capelo/post/2019/07/05/copa-do-mundo-feminina-mais-do-que-dobra-audiencia-de-edicao-anterior-e-bate-recorde-no-brasil.g.html>. Acesso em: 14 out. 2022.

CHAUÍ, Marilena. *O nacional e o popular na cultura brasileira*. Seminários. São Paulo: Brasiliense, 1983. pg. 18-19

Clubes serão obrigados a ter times femininos para jogarem Libertadores. *In: Gazeta Esportiva*. São Paulo, 26 jan. 2017. Disponível em:
<https://www.gazetaesportiva.com/bastidores/clubes-serao-obrigados-a-terem-times-femininos-para-jogarem-libertadores/>. Acesso em: 27 out. 2022.

COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

DALPONTE, Maria Eduarda Gonçalves. **Celeiro de Futebol**: Caçador e as equipes irmãs na elite feminina. Orientador: Cárilda Emerim. 2021. 56 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/222748/RELAT%c3%93RIO%20TCC.pdf?sequence=10&isAllowed=y>. Acesso em: 21 set. 2022.

DE BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo. 1949.

DUARTE, Fabrício Luís. Aproximações exploratórias entre Antonio Gramsci e o esporte. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Brasília, p. 0-0, 30 jul. 2012. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-32892012000200004>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbce/a/7Y73VN5v4TyjJyKghmmSrnP/?lang=pt>. Acesso em: 8 fev. 2022.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A dinâmica dos grupos desportivos – uma referência especial ao futebol. *In: A BUSCA da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Coimbra: Edições 70, 2019. cap. VI.

Esquemas da Fifa. Direção: Daniel Gordon. Roteiro: Miles Coleman. [S. l.]: Netflix, 2022. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80221113>. Acesso em: 19 nov. 2022.

FERNANDES, Ingrid. **Sportwashing**: o que se passa por trás da venda de grandes clubes. *In: UFRJ Consulting Club*. Rio de Janeiro, 19 set. 2022. Disponível em: <https://www.consultingclub.com.br/post/sportwashing-o-que-se-passa-por-tr%C3%AAs-da-venda-de-grandes-clubes>. Acesso em: 8 nov. 2022.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho et al. O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. *Motriz: Revista de Educação Física* [online]. 2011, v. 17, n. 1 [Acessado 3 Dezembro 2022], pp. 117-127. Disponível em: <<https://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p117>>. Epub 12 Maio 2011. ISSN 1980-6574. <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p117>.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. São Paulo: Associação Nacional de Historia, Vol. 25, Número 50, pp. 315-328

FREYRE, Gilberto. CASA-GRANDE E SENZALA. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª edição. Global Editora. 2003. 375p.

FRIEDENREICH: origem, histórias e mitos do primeiro ídolo da Seleção. [S. l.], 14 jun. 2019. Disponível em:

<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/copa/america-2019/friedenreich-origem-historias-e-mitos-do-primeiro-idolo-da-selecao>. Acesso em: 1 fev. 2022.

GARCIA, Carolina Borin; VERNIER, Isabel. Copa Feminina de 91: a história da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1991. *In: Jornalismo Júnior ECA USP*. [S. l.], 30 nov. 2021. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/pioneirismo-e-resiliencia-a-historia-da-copa-do-mundo-de-futebol-feminino-de-1991/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. WOMEN AND FOOTBALL IN BRAZIL: DISCONTINUITIES, RESISTANCE, AND RESILIENCE. Movimento [online]. 2021, v. 27 [Acessado 6 Dezembro 2022], e27001. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>>. Epub 08 Mar 2021. ISSN 1982-8918. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere: temas de cultura: ação católica: americanismo e fordismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, 2.ed. v. 4.

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009. 272 p.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. 260 p. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representação_-_2016.pdf>

JODELET, D.: Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.) Les représentations sociales. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

LACOMBE, Milly. Copa do Mundo Feminina: como o feminismo tem mudado o futebol das mulheres. *In: Revista Marie Claire*. [S. l.], 7 jun. 2019. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2019/06/copa-do-mundo-feminina-como-o-feminismo-tem-mudado-o-futebol-das-mulheres.html>. Acesso em: 14 set. 2022.

LANCE!. Narradora da Globo, Renata Silveira apoia jogadora do Botafogo vítima de machismo: 'Estão desesperados', Rio de Janeiro, 22 jun. 2022. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/narradora-da-globo-renata-silveira-apoia-jogadora-do-botafogo-vitima-de-machismo-estao-desesperados.html>. Acesso em: 3 jul. 2022.

LOPES, Larissa. Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil. Jornal da USP, São Paulo, 13 jun. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

LUDOPEDIA, Equipe. Entrevista com a jornalista Luciane de Castro. *In: Ludopedia*. [S. l.], 16 set. 2017. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/entrevista/luciane-de-castro/>. Acesso em: 20 out. 2022.

PIRES, Breiller. Futebol Feminista, a história da modalidade que se tornou uma causa política. *In: El País*. São Paulo, 23 dez. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-12-23/futebol-feminista-a-historia-da-modalidade-que-se-tornou-uma-causa-politica-no-brasil.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia. Editora UFRJ. 1987. Disponível em: < <https://notamanuscrita.files.wordpress.com/2014/08/jesus-martin-barbero-dos-meios-as-mediacao3a7c3b5es.pdf> >

MILLIET FILHO, Raul. Cenários e personagens de uma arte popular: futebol brasileiro, hegemonia, narradores e sociedade civil. 2009. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.8.2009.tde-071c22009-112046. Acesso em: 2022-02-11.

MIRANDA, Melina Nóbrega. FUTEBOL E O PROJETO DE UNIDADE NACIONAL NO ESTADO NOVO (1937-1945). Mestranda em História Social na Universidade de São Paulo (USP). 2007. 9p. Disponível em: < http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos_PDF/Melina_N_Miranda.pdf >

MOSCOVICI, Serge. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Editora Vozes. Primeira edição 1961. Versão 2012. Tradutora Sonia Fuhrman. 456p.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro, HELAL, Ronaldo George, AMARO Fausto. **Futebol, nação e representações: a importância do estilo “Futebol-arte” na construção da identidade nacional**. Dossiê: Futebol, Raça e Nação no Brasil. *Revista Unisinos*. Setembro/Dezembro 2015. 11p. Disponível em: < <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2015.193.01> >

MUSEU DO FUTEBOL, disponível em: <https://museudofutebol.org.br/>

PIRES, Breiller. A Copa do despertar feminista de Marta: “O futebol feminino depende de vocês para sobreviver”. São Paulo. 24 de junho de 2019. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/23/deportes/1561293444_607682.html >

RAMÍREZ, Noélia. ‘Dia sem mulher’: o mundo se prepara para uma greve internacional feminina. ‘Dia sem mulher’: o mundo se prepara para uma greve internacional feminina, 6 mar. 2017. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/10/estilo/1486744741_095547.html. Acesso em: 15 jul. 2022

ROSA, Marcelo Victor da, JITSUMORI, Carlos Igor de Oliveira, BORGES, Andrey Monteiro, RIBEIRO, Maria Elizia de Melo. **Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito**. REVISTA GÊNERO Volume 21, Número 1. Niterói. 2020. 29 p. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/46923> >

ROSSI, Mariana. Futebol e violência: não generalize as torcidas organizadas. *In: Jornalismo Júnior ECA USP*. [S. l.], 27 jun. 2022. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/futebol-e-violencia-nao-generalize-as-torcidas-organizadas/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SALVINI Leila, JÚNIOR Wanderley Marchi. Registros do futebol feminino na revista Placar: 30 anos de história. Motrivivência. Revista de Educação Física, Esporte e Lazer da Universidade Federal de Santa Catarina. Volume 28. Número 49. Florianópolis. 2016. 15p. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n49p99> >

SETTING THE PACE: FIFA Benchmarking Report Women's Football. [S. l.], 28 out. 2022. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/3ba9d61ede0a9ee4/original/dzm2o61buenfox51qjot-pdf.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SILVA, GIOVANA CAPUCIM E. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983). 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em História) - Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10092015-161946/publico/2015_GiovanaCapucimESilva_VCorr.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022.

SILVA, Murilo Marins. **Futebol: razões econômicas para o desempenho dos clubes**: O caso do E.C. Vitória e do E. C. Bahia. Orientador: Hamilton de Moura Ferreira Júnior. 2007. 71 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Ciências Econômicas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <https://1library.org/document/yrove47y-futebol-razoes-economicas-para-desempenho-clubes-vitoria-bahia.html>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SOARES, Vitória. História de conquistas e superação: o Avaí Kindermann é a força perseverante do Sul no futebol feminino. Fut das Minas, 22 nov. 2020. Disponível em:

<https://fudasm Minas.com.br/historia-de-conquistas-e-superacao-o-avai-kindermann-e-a-forca-perseverante-do-sul-no-futebol-feminino/>.

SPINIK, Mary Jane P.. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 1993, v. 9, n. 3 [Acessado 8 Dezembro 2022], pp. 300-308. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>>. Epub 16 Set 2004. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>.

SUMAN, Nicoli. **Esporte Clube Radar**: o primeiro passo do futebol feminino. *In: Futebol na Veia*. [S. l.], 11 dez. 2020. Disponível em: <https://www.futebolnaveia.com.br/esporte-clube-radar-o-primeiro-passo-do-futebol-feminino/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática, 1 jan. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115325713014.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

WARKEN, Júlia. Isabelly Moraes: quem é a 1ª mulher brasileira a narrar a Copa na TV. *In: CLAUDIA*. [S. l.], 18 jun. 2018. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/famosos/isabelly-morais-quem-e-a-1a-mulher-brasileira-a-narrar-a-copa-na-tv/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Interam. j. psychol.*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 379-390, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902007000300013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 dez. 2022.

WEINGÄRTNER, Pâmela. **(IN) VISIBILIDADE DO FUTEBOL FEMININO**. Orientador: Fernando Evangelista. 2019. 27 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2019. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/9127/1/TCC%20-%20P%C3%A2mela%20Weing%C3%A4rtner%20-%20Revisado.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2022.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio – O futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 446 p.

APÊNDICE A - VIOLÊNCIA NO FUTEBOL E MASCULINIDADE

O estudo do futebol feminino necessita a inclusão de um tema ainda pouco estudado, mas que está no cotidiano do futebol mundial: se é verdade que a forma de explicar os gêneros a partir de uma visão essencialista trouxe às mulheres a visão de serem “frágeis”, “dóceis” e “fracas”, aos homens é destinado desde o início de suas vidas, as características de valentia, imposição e força. A violência no futebol gera cenas tristes e lamentáveis, podendo citar aqui dezenas de casos recentes que se expressaram dentro e fora dos estádios - inclusive distantes dos próprios estádios, demonstrando que as medidas tomadas até aqui, como torcida única ou o fim da venda de bebidas alcoólicas nos estádios por exemplo, não resolvem e não vão à raiz do problema. Há uma falsa noção de permissividade aos homens nos espaços de futebol, como se ali, eles pudessem fazer tudo que desejam. Mesmo que isso envolva desrespeito, agressão e xingamentos.

A violência é um fenômeno social que expressa as tensões e conflitos subjetivos e objetivos da sociedade, podendo ser utilizada para diferentes razões. De acordo com Bernardo Buarque de Hollanda, doutor em História Social da Cultura e professor da Faculdade Getúlio Vargas (FGV), nas brigas de torcida “há um código de hombridade e masculinidade, de se afirmar pela força. Isso vem muito dessa lógica grupal de homens confrontando homens, pela afirmação da virilidade”. (ROSSI, 2022)

Por isso, mesmo que não seja algo “natural” ou que as mulheres também não possam participar de atos de violência, mas tanto a maior presença das mulheres nos espaços do futebol masculino, quanto a popularização do futebol feminino podem ser pontos de avanço no combate aos sistemáticos casos de violência. As pesquisas da professora Heloisa Helena Baldy, que estuda a violência no futebol, apontam que a raiz do problema passa pela “masculinidade tóxica”. Este é um tema bastante complexo e que guarda em si mesmo contradições que em si mesmas geraram um novo objeto de pesquisa.